

DARIO GALVÃO

---

ECHOS  
E SOMBRAS  
POESIAS



H. GARNIER

RIO DE JANEIRO







# **ECHOS E SOMBRAS**

**POESIAS**



DARIO GALVÃO

---

# ECHOS E SOMBRAS

POESIAS



H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

109, RUA DO OUVIDOR, 109  
RIO DE JANEIRO

| 6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6  
PARIS

1911





Roma, 20 de março de  
1903

Meu caro colega Sr. Dario Falvati,

Acabo de ler o seu bello poema

"A morte de Aguirre" e venho  
felicitá-lo pelo mytho que o Sr.

creou. Faço, se me permite a

franguez, algumas reservas qua-

to á decoracão litteraria do quadro,

mas em si mesma a creacão se

me figura forte e original, e al-  
guns clarões que a ilhemiam e  
taiss que a cruzam mostram que  
o Sr. pertence a essa familia e  
apenas contou o ideal da sua  
morte, que espero sera muito  
diversa. Para isto seria bom  
acostumar a aquia que o Sr.  
tem em se a visitar as (ate-

cumbas. Além da morte pagã.  
há a morte christã.

Creia - me seu

Patricio, lobege e am. O. O.

Joaquim Cabuco



## ECHOS E SOMBRAS

Quando d'Ave-Maria o triste dobre  
Annunciar-vos do día as despedidas,  
Vinde buscar a dadiva de um pobre  
Minhas caras irmãs estremecidas.

Era minha intenção gentil e nobre  
Mandar-vos umas paginas sentidas ;  
Mas de tudo o que o Sol a nós descobre  
Só contar-vos as cousas divertidas.

Busquei com esse anhelos a formosura,  
E quando bem florida era a deveza,  
Fugindo aos homens e á cidade impura,

Tentei amar nas virginaes alfombras ;  
Mas das flôres, do amor e da belleza,  
Eis tudo o que encontrei — : echos e sombras !

Suissa, 1900.

## NOSTALGIA

Eleva-te minha alma alem da penedia ;  
Foje dos vendavaes desta ilha tão escura ;  
Voa junto ao Cruzeiro, e divisar procura  
Guanabara banhando a verde serrania.

Lá canta a passarada ; aqui o corvo pia,  
Pregoeiro fatal da peste e da amargura ;  
Vai, beija a branca mão que ha pouco m'escrevia,  
De minha santa mãe oscula a sepultura.

E conta tristemente a minha patria cara  
Que de atra nostalgia em deploravel ancia  
Seis palmos eu cavei de terra bem amara ;

Unico meio, dize, e mesquinha distancia,  
Que inabalavel honra chegar-me deixara,  
Do solo idolatrado em que passei a infancia.

Hong-Kong.

## A CONSCIENCIA

Salve retiro do *Eu*, mansão divina !  
Do amor e da virtude sã paragem ;  
Lago donde a verdade clara mina,  
E não empana a mais subtil aragem.

Quer acto nobre, quer acção mofina,  
Em tí vem contemplar a propria imagem ;  
Como as nuvens e os astros, de passagem,  
Se reflectem na limpida retina.

Em ti a nossa mente com franqueza,  
Esquecida da humana hypocrisia,  
Se mostra qual a fez a natureza ;

Como a virgem despindo-se confia  
Os divinos encantos da nudeza  
Ao discreto crystal que mudo espia.

## SETIMO CÉO

O céu era de leite e o riosinho azul.

— Outros céos, outros páramos divinos,  
Existirão talvez na fantasia  
Desses condores que só cantam hymnos,  
Pairando sobre abysmos de utopia —

Assim em linda noute eu reflectia,  
Olhando os altos campos azulinos,  
Onde o formoso rio de ambrosia  
Rolava sobre seixos crystallinos.

Entretanto, visão encantadora,  
Mais bello do que a cupola estrellada,  
Um novo céu me apparecendo fôra :

Banhava branca tez veia anilada,  
E dous astros eu vi ardendo em zêlos,  
Na noite triumphal de teus cabellos !



## INJUSTO MUNDO

No dorso da verde onda estira-se o veleiro,  
Quando se lança ao mar um velho borrachão ;  
Olvida os seus, a blusa arranca bem ligeiro  
E se atira a salvar-o o bravo capitão...

Linda mulher, do vicio immersa no lameiro,  
Soccôrro solicita a humano coração ;  
Ouve-lhe um moço, esquece o céo e o mundo inteiro,  
Os preconceitos despe e a ella estende a mão...

O marujo arriscara a vida só terrena.  
Este, futuro e gloria a sorrir amortalha,  
Beirando o negro abysmo onde é perenne a pena.

Entretanto conquista aquelle aurea medalha  
E quem imita Christo, em face á Magdalena,  
Só recebe do mundo o nome de canalha !

Rio, 1897.

## A VOZ DA PATRIA

... á bala

*Floriano Peixoto.*

*A Amaro Cavalcanti.*

Correm dias de negra desventura,  
Magoando o coração dos brazileiros ;  
As bôccas inférnaes de mil morteiros  
Mandam bravos heroes á sepultura.

P'ra que transborde a taça da amargura,  
Só falta que soldados forasteiros  
Pisem o chão de nossa Patria pura...  
Eis que então dos navios estrangeiros

Alguem pergunta ao grande Presidente,  
Como receberia a gente armada,  
Que a frota ia mandar ao continente.

A alma do cidadão no peito estala,  
O punho do soldado estreita a espada,  
E a voz do Marechal responde : — á bala !

Rio, Junho 1899.

## DELIRIO ? !

Eu não sei se escutar-me te consente  
Casto pudor de corpo virginal;  
Ou se ora nos separa duramente  
O thalamo de algum feliz mortal.

Só me lembro que cada beijo ardente,  
Em tua pelle fina sensual,  
Era crystallizado docemente  
Em esferas de rutilo coral.

Só sei que no teu collo de alabastro,  
Halo gentil d'incomparavel astro,  
Eu havia um collar com ellas feito.

Representava cada conta um beijo,  
Cada elo uma victoria do teo pêjo,  
Fêcho... a pinta que tinhas tu no peito !

Rio.

## UMA CAMPONEZA

Quando alegre ella corre o laranjal,  
Os espinhos nas arvores se affastão ;  
Para o matto os reptis no chão se arrastão,  
E colibris lhe dão guarda real.

Por enfeites só tem o lis do val ;  
Brilhantes — os olhinhos já lhe bastão ;  
Perolas — uns dentinhos que se engastão  
Em lavores de rutilo coral.

A' guiza de seraphicos cabellos,  
Ostenta emmoldurando a bella testa  
De ouro fino bastissimos novêllos.

E senhora de tão gentis primores,  
A vida passa a jovem bem modesta  
Cuidando em seus irmãos e suas flôres.

## VIA APPIA

Entre tumbas de antiga fidalguia,  
Por funebres cyprestes sombreada,  
Passa imponente a secular estrada,  
Derramando pelo ar melancolia.

Vem da eterna cidade decantada  
E nos conduz á eterna moradia,  
Como um elo que vai da vida ao nada,  
Mais triste do que um leito de agonia.

Nem um passo resôa no granito  
Desse trilho, tão longo e tão funereo,  
Que parece o caminho do infinito.

E em seu silencio sepulcral, enorme,  
Como a solemne paz do mundo ethereo,  
Uma raça de heroes tranquilla dorme !

Roma, Janeiro, 1898.

## N'UM ALBUM

Oh ! finas paginas brancas,  
Porque sois tão desleaes ?  
Das almas ingenuas, francas,  
Porque tanto vos mofais ?

Crentes na vossa innocencia,  
Os corações se poem nus ;  
E vós logo sem clemencia  
Os levais á plena luz !

Aprendeí com os espelhos  
A vêr, ouvir e calar ;  
Que ás almas que estão de joelhos  
Não se deve delatar !

## O COLISÊO

Si fractus illabatur orbis  
Impavidum ferient ruinae

Quando da multidão o enorme grito  
Encheu-lhe a vez primeira sua entranha,  
Correu que, fecundada do infinito,  
A terra dera á luz nova montanha !

Diante dessa mole de granito,  
Que do tempo não teme a crua sanha,  
Curvaram se as pyramides do Egypto,  
Amesquinham-se as torres d'Allemanha.

E quando, emfim, vier o vil cometa  
A terra dísolver no azul profundo,  
Só restará do pallido planeta :

— Esquife colossal da humanidade,  
Soberbo e bello tumulo de um mundo,  
Rolando o Colisêo na immensidade !

## TRADUÇÃO

*Stéchetti,*

Quando vieres tu, o outono entrado,  
Minha cruz procurar no campo santo,  
Haverás de encontral-a num recanto,  
E junto muita flor terá brotado.

P'ra teus louros cabellos colhe então  
Essas flores que vêm do coração ;

São cantos que ideei sem qu'imprimisse ;  
São as phrases de amor que te não disse.

Ribeirão Dourado, 1898.



## TRADUCÇÃO

*Stècchelli.*

Oh ! por favor não julguem-me creança,  
Porque são longos, negros, meus cabellos ;  
E a frescura de minha face alcança  
Ás petalas de rosa encher de zêlos.

Como esse fructo eu sou que, internamente  
Sêcco, apresenta a sua casca linda.  
Ah ! jovem eu pareço, simplesmente,  
Frio cadaver sou, andando ainda.

Tenho p'ra sempre a alma bem fechada  
Ás dôces esperanças e aos confórtos.  
Não me rias, te rogo, bella fada,  
Não me tentes mulher — respeita os mortos !

Rio, 1899.

## NA MISSA

O velho cura extatico se cala ;  
No côro o canto languido emmudece ,  
Ninguem murmura, nem uma alma fala,  
O momento nos leva a muda prece.

Uma nuvem d'incenso mansamente  
Se alça em busca do creador da terra ;  
Evola-se a Jesus suavemente  
O sorriso que o labio te descerra.

Eu tambem quero orar, joelhos dobro,  
E um Deus procuro a quem render meu preito ;  
Se me pertuba a vista... quando a cobro,  
Tenho os olhos em ti e a mão no peito!

Rio, 1898.

ROMA  
.

Um por um visitei seos monumentos;  
De cada pedra ouvindo a sua historia.  
Do Colyseu voando aos quatro ventos  
Ouvi ainda gritos de victoria.

O Forum percorri a passos lentos,  
Com unção refazendo a trajectoria,  
Que mil heroes seguiram sem lamentos,  
Marchando para a morte... para a gloria !

Quando baixou a noite escura e fria,  
Busquei então, que regressar devia,  
As mil estradas da immortal cidade.

Mas se a Roma conduz qualquer caminho,  
Só della sahe o que eu tomei sósinho :  
A estrada interminavel da saudade !

Eis tudo a que se reduz  
A vida dos que estão sós:  
Sombras — lembranças da luz,  
Echos — saudades da voz !

Montevideo, 1904.

## O CYSNE

No azul espelho de impolluto lago  
Deslisa um cysne, pallido e constricto.  
O seu olhar tem esse quê de vago  
De quem vive a sonhar com o infinito.

Sereno passa o olympico proscripto,  
Ora suavemente, em dôce affago,  
Beijando sobre a espuma o caro mytho  
De Venus, que elle sorve trago a trago ;

Ora a vista voltada ao firmamento,  
Procurando, com tacito lamento,  
Da sua Leda a branca moradia.

Pobre poeta que da meiga amante,  
No azul dos lagos ou do céu distante,  
A cara imagem delirando espia.

Montreux, Março 1900.

## UMA JARDINEIRA

Suave e calma vida Olivia gosa,  
Em seu lindo jardim sempre entretida ;  
O jasmim, o lilaz, o cravo, a rosa  
São a sua familia estremecida.

Com lagrimas orvalha carinhosa  
A corolla do sol emmurchecida ;  
E lhe reserva, na epocha invernosa,  
Do eburneo seio a tepida guarida.

Os idyllios da abelha rindo escuta ;  
Pensando o liz, beijando a margarida,  
O loto leva ao lago e a hera á gruta.

Não se trocam os anjos mais amores,  
Se as florinhas lhe devem dôce vida,  
Tambem Olivia vive só das flôres.

Petropolis.

## PAISAGEM DE INVERNO

Á beira do caminho, um rancho pardacento  
O triste aspecto tem d'um lar abandonado ;  
E' nebuloso o ar, escuro o firmamento ;  
Do campo verdejante, em que pascia o gado,

A relvinha murchou ; forte, inutil cajado  
Esquecido ali jaz. Não se vê movimento ;  
Qual cadaver de pé, quêdo, petrificado,  
Mesmo o salgueiro nu deixa passar o vento !

O travesso regato, outrora a voz do prado,  
Dorme em fundo torpor silente, anquilosado,  
Como d'um cirio á luz o olhar d'um moribundo !

Um sudario de neve envolve altos outeiros,  
Cobre de crepe o valle um bosque de pinheiros,  
Está de luto o céu, agonisante o mundo !

Berna, Fev. de 1900.

## A JOÃO PROPICIO DE MENNA BARRETO

Eras um bom, um puro cidadão ;  
O braço tinhas rijo e a alma forte ;  
Para vencer-te teve a propria morte  
De primeiro roubar-te a sã razão.

Justiça e liberdade eram teu norte ;  
Sempre a seu lado achou-te a abolição ;  
E quando decidia a sua sorte  
A Republica viu-te na Armação.

Adeus, Adeus meu nobre e bom amigo,  
Não partes só, dos companheiros mestos,  
Saudades soluçando vão contigo.

E — monumento dos heroes modestos —  
Mil flôres brotarão no teu jazigo.  
Das lagrimas vertidas nos teus restos.



## HYMNO AO ANNIVERSARIO DO BRAZIL

Demandando a bella India ousados navegantes  
Seguiam com Cabral por mares dos Atlantes,  
Quando um pharol surgiu á destra do veleiro :  
Immenso, n'um longinquo e desmaiado monte,  
Com seus braços de luz abertos no horizonte  
Se erguia esplendido o Cruzeiro !

Seguiu a linda nau as ondas a singrar ;  
Mirando seu perfil nas aguas do seo mar,  
Das terras o primor alevantou-se então.  
Luziam-lhe no azul milhões de pedras finas,  
Brisas brincavam no ar ; e nas verdes campinas  
Estrellas vião-se no chão.

Encantado torrão de ricas maravilhas,  
Onde cabem nações nas ribeirinhas ilhas ;  
Onde no alto palmar descanta o cherubim ;  
Terra que eleva aos ceus gigantes de granito,  
Onde pousa o condor de volta do infinito,  
Será olympico jardim ?

Oh ! não ! é o viril colosso americano,  
Que corta com fragor as aguas do oceano,  
Aureo rastro deixando em seu campo d'anil;  
E'a terra natal dessas tribus guerreiras,  
Que têm por tecto o céu e aguias por companheiras ;  
E' Vcra-Cruz, hoje Brazil.

Oh ! povo brasileiro é esse chão de assombros,  
Que tu tens de levar, em teus herculeos hombros,  
A receber do mundo augusta sagração !  
Vai, tua loura irmã espera te a sorrir,  
Marcha fitando a lei e busca o teu porvir,  
A liberdade pela mão !

E se em teu caminhar na floresta sombria,  
Ou nos campos sem fim, precisares um guia,  
Lembra-te que um signal conduz uma nação ;  
Mas esquece os brazões das antigas bandeiras,  
Pavilhões infantis de nações rotineiras,  
Copia o ceu para pendão !

Corre o tempo veloz, passados lustros são ;  
A brasileira grei se fez viril nação.  
Das margens do Oyapoc até o Quarahim  
Se adora o mesmo Deus, se quer á liberdade;  
E o povo ergue feliz, no campo e na cidade,  
O pavilhão de Benjamin !

Salve altivo paiz, Republica altaneira,  
Que retalhas do céu a sublime bandeira.  
Salve filha gentil do Novo Mundo Austral,  
Que por sobre o equador, erguendo o nobre porte,  
Sorpreeendes sorrindo os imperios do norte,  
Colgado em astros teu fanal !

EVANGELINA E A BORBOLETA  
OU  
UMA LIÇÃO DIFFICIL

Em seu formoso boudoir,  
Encerrou-se Evangelina,  
Com borboleta franzina,  
A quem queria amestrar.

Despojando o toucador  
Dos frascos de fina essencia,  
Dispoz, com grande sciencia,  
Em cada vaso uma flôr.

Como as pombas amestradas,  
As quaes se manda voar,  
E que voltam compassadas  
Ao seu marcado lugar,

Queria que a borboleta,  
Após doudo esvoaçar,  
Numa mesma violeta  
Viesse sempre pousar.

E começou a lição.  
Na sua dextra de neve  
D'um cysne pluma bem leve  
Servia p'ra punição.

Pondo a flor em evidencia,  
Fez della partir o insecto,  
E esperou com paciencia  
Que elle baixasse do tecto.

Baixou sim a borboleta,  
Mas evitando a florinha,  
Beijo estalou ua fosseta  
Da mais proxima visinha.

Em balde foram castigos ;  
De cada vez que partia,  
Sem se importar com perigos,  
A novas flores corria.

Um leve fio de linha  
Reconduzia, afinal,  
A' desprezada florinha  
O voluvel animal.

Recomeçavam a lida.  
E quando Evange cansou,  
Nem um lis, nem margarida,  
Sem um affago se achou !

Tentar uma ultima vez,  
Evangelina inda quiz.  
— Agora volta talvez,  
Todas já viu — ella diz.

Partiu de novo voando  
A borboleta taful ;  
Mas como outrora no bando  
Atravez do céu azul,

Não cogitava em pousar ;  
Em mil curvas caprichosas,  
Desdenhava as bellas rosas,  
Nem olhava o nenuphar.

Evangelina cansada  
Do louco vôo seguir,  
Na poltrona reclinada,  
Cahi em fundo dormir.

Como em manhã fresca clara,  
A briza faz á bonina,  
Um sorriso descerrara  
Sua bôcca purpurina.

Não resiste a pobre louca  
E, posto que com temor,  
Lá vai pôsar-lhe na bôcca,  
Julgando ser outra flor.

Sentiu em sonho esse beijo  
E, despertando-se afflicta,  
Evange rubra de pejo  
A' pobresinha assim grita :

Atrevida, malcreada,  
Bem castigar-te já vou...  
Mas, contendo uma risada,  
A borboleta soltou !

Da muralha do jardim  
Uma folhinha da hera,  
Que as espreitando estivera,  
Resmungou então assim :

Em tamanha rebeldia  
Não consigo acreditar ;  
Essa mestra saberia  
O que tentava ensinar?!

Berna, 1900.

## A MADAME DREYFUS

Como ha-de a musa agradecer, Senhóra,  
Essa branca e purissima alvorada,  
Em que fazes surgir, com mão de fada,  
A verdade afinal rompendo a aurora ?

Como, se com sua alma ajoelhada,  
Esse pallido moço, que te adora,  
Não podendo expressar quanto ès amada,  
Sacudindo alvas cans sorrindo chora ? !

Se quando o espouso teu teus pés beijava,  
De longe e respeitosa a mocidade  
Esse quadro gentil via e calava ? !

Se nessa hora de amor e de esperança,  
Em frente a tí se viu a humanidade,  
De joelhos tambem no chão da França ? !

Julho de 1899.

## A MORTE DO CYSNE

Logo pela manhã presentimento vago  
Fel-o presto correr ao seu querido lago ;  
As ilhas percorreu, lhe visitou as grutas.  
E sorrindo beijou-lhe as azuladas trutas.  
Nesse peregrinar veloz passou o dia,  
E com surpresa ouviu soar Ave-Maria.  
Foi então que avistou, sem se alterar os traços,  
O espirito da sombra a lhe estender os braços  
E calmo, bello, nobre, alevantado o porte,  
Imponente seguiu a se encontrar co'a morte !  
Já bem distante fica a prateada margem,  
E elle sempre a remar pela azulada vargem,  
Lá vai fugindo á terra, ao ninho, ao campanario  
— Tinha vivido só, quiz morrer solitario —  
Só pedia um adeus — um derradeiro affago  
Do seu fiel amigo — o seu querido lago !  
Olhava com desdem a humana cobardia,  
Pintava bella a morte a sua fantasia :  
Se a vida era nadar num lago sempre azul,  
Morrer era voar num céu que não tem sul !



Quando ao longe sumiu-se a derradeira luz  
E só elle s'encontra entre os dois céus azues,  
Pela primeira vez a sua voz suspira,  
Pela primeira vez o vate tange a lira.  
Mais doçura não tem a lympha cristallina  
Que de pedras beijar lamenta a sua sina ;  
Sahiam palpitando as notas, compassadas,  
Pelo languido arfar das aguas onduladas ;  
Bellas phrases de amor as musas lhe inspiravam,  
Que não riam talvez, mas tão pouco choravam ;  
Se numas echoava o amargo da saudade,  
Em outras já se ouvia a voz da eternidade.  
O momento fatal chegou sem agonia,  
Ligeiramente arfando, em celeste harmonia,  
E sempre a deslizar ao lago disse então :  
— Já não posso remar, parou-me o coração —  
E sem um estertor, como s'esvahe um cirio :  
Qual pende em fragil haste enamorado lirio ;  
Como pura camisa — igual na côr á neve —  
Deixando bello corpo, abate-se de leve,  
Languidamente cahe e se nivela ao solo,  
Assim, sem um tremor, seu niveo e puro collo

Oscilla, se curva, pende,  
E sobre as aguas se estende...

Não foi mais pallida Ophelia!  
Como alva immensa camelia,  
Seu corpo inerte fluctua;  
O lago embala-o com medo,  
A brisa chora em segredo,  
Suspira velando a lua.

Suissa Maio, 1900.

## ECHOS E SOMBRAS

Como é pura e suave a poesia  
Das cousas que só vivem na memoria.  
Da propria dôr, que outrora nos pungia,  
E' dôce gozo recordar a historia.

A fraca luz longinqua e merencoria,  
Que as choupanas dos pobres allumia,  
Quando atravez da lagrima, irradia,  
Como se fora um sol em plena gloria.

Talvez, que lendo as poesias minhas,  
Limpido pranto vos orvalhe os olhos,  
E então scintillem estas pobres linhas :

— Echos remotos de calados cantos,  
Sombras que a lua, por detraz de abrolhos,  
Deixou-me n'alma recordando encantos.



## CULTOS

Amando cantarei por toda a parte,  
Se a tanto me ajudar o amor e a arte.



Á pura e santa amizade ;  
Á esperança e á saudade ;  
Aos milionarios da historia ;  
Não de haveres, mas de gloria ;  
Ao deus dos deuses — o Amor —  
Á sua consorte — a Dôr  
Estes versos que compuz,  
E são como as homenagens  
Que nas sinceras paysagens  
As sombras prestam á luz !

Montevideo, Junho de 1906.





## AO BRAZIL

UBIQUE PATRIÆ MEMOR

(divisa do Barão de Rio-Branco).

Oh ! Patria ! eu tive um sonho no estrangeiro :  
Tropas de Pando, yankees, argentinas  
Eu via, n'um tripudio carniceiro,  
Profanarem teos montes e campinas !

Lá mesmo nas alturas cristallinas,  
Onde por marco teu brilha o Cruzeiro,  
Tentavam grandes aguias cisalpinas  
Do condor usurpar céo brasileiro !

Mas foi só, Patria minha, um pesadêlo.  
Quando, escutando o meo delirio insano,  
Correu o povo inteiro ao meu appello,

Immaculado achou teo peito franco :  
Guardava-te de um lado um oceano,  
Velava do outro lado Rio-Branco !

Rio, 1904.

## O OCEANO ATLANTICO

A Joaquim Nabuco.

Salve potente e creador Oceano,  
Que os dois pólos e o Equador alagas,  
Com tuas francas e sonoras vagas  
Trazendo o verbo do teo fundo arcano !

Crucificado entre remotas plagas  
Remir a terra é teo destino ufano ;  
Dás seiva aos robles das florestas magas  
E sangue novo ao velho peito humano.

Amo-te quando com as aguas mansas,  
Brandas tornando tuas mãos possantes,  
Na praia embalas as gentis creanças ;

E, quando os ventos te ferindo fundo,  
Nas tuas ondas-pulsações gigantes —  
Sinto bater o coração do mundo !

## A GUERRA

A José Verissimo.

O ceu é côr de paz, a terra de esperança ;  
Passam brincando no ar brisas e passarinhos,  
Nos lares ha canções e trinos pelos ninhos ;  
Homens, cavallos, bois celebram santa alliança.

Mas infernal clarim sôa pelos caminhos ;  
Com gritos de rancor o homem percorre a terra,  
E, esquecido do pão que deve aos seos filhinhos,  
Empresta o braço á morte — assim o quer a guerra !

Adeus canções de amor, só ruge o odio no mundo ;  
Chora-se no solar, chora-se nas mansardas,  
E é melhor cidadão o que fere mais fundo !

Emporcalha-se o céu das fezes das bombardas  
E surge no lugar do aureo trigo fecundo  
A floresta lethial dos piques e alabardas !

Montevideo, 1906.

## RENASCIMENTO DE APHRODITE

— Me perguntastes o que vim, Senhora,  
Buscar tão longe da mundana vida,  
Deixando a villa alegre e divertida,  
Por este mar que a vossas plantas chora ?

Notando um dia a sideral corrida  
Dos astros todos pelos céos a fóra,  
De Syrius que passava enlouquecida,  
Do proprio Sol que abandonava a Aurora,

Parti guiado pelo ardente trilho,  
Como tres reis, outrora em Galilea,  
Seguiram d'uma estrella o mago brilho.

E assim seguindo as luminosas rondas,  
Achei o berço de uma nova Dea,  
Na espuma branca destas glaucas ondas !

## AU BORD DU LÉMAN

A Graça Aranha.

Quand on n'a plus d'essor on trouve au lac un ciel !  
Venez, fuyons la ville, abandonnons le monde,  
Baignons nos corps meurtris des dards trempés de fi e  
Dans le baume azuré qui ces plages inonde.

Lui seul saura panser la blessure profonde ;  
On ne trouve qu'en lui ce double et tendre miel :  
Pour un corps douloureux la caresse de l'onde,  
Pour une âme brûlante une haleine du ciel !

Voyez-vous ces canots ? Ce sont des hirondelles,  
Dont on brisa les cœurs et l'on lia les ailes,  
Et qui viennent nager sur le bleu de ces flots

Pour rêver de l'azur, oublier des sanglots !  
Confions donc nos corps aux baisers de ces lames,  
Confions à ces vents les soupirs de nos âmes !

## UN COTILLON INFERNAL

Deux drapeaux ennemis hurlaient aux bouts des mâts.  
On célébrait la noce hybride et criminelle  
D'un jeune aurochs ardent avec une gazelle.  
Un bouc ouvrit le bal à l'heure des sabbats.

Les marques qu'on donnait n'avaient que deux couleurs  
Des nœuds trempés de sang et des rubans de bile ;  
Par contraste bizarre aux valse de Mabile  
Un coup soudain mêla des plaintes et des pleurs !

Mais on n'écoute pas les cris de l'agonie,  
Quand on voit des seins nus, et bat son plein l'orgie ;  
Et la musique allait son tourbillon ronflant ;

Et des hommes suivaient une superbe folle,  
Qui portait pour drapeau, menant la farandole,  
Au bout de son bâton un cœur humain sanglant !

## LE DÉPART

La séparation ! C'est pire que la mort !  
Le corps sevré soudain de toutes les caresses,  
Fini pour le bonheur, fini pour les ivresses,  
Ne vit que pour sentir son triste et sombre sort.

Pourtant il faut partir, adieu douce maîtresse ;  
Comme un beau souvenir de ton superbe corps,  
Donne-moi quelques fils — un anneau de ta tresse —  
Pour que ma lèvre trouve où t'embrasser encor !

Sont ceux-là les plus chers des souvenirs qu'on garde ;  
Je les contemplerai comme un enfant regarde  
Sur l'horizon épars les rayons du soleil ;

Alors halluciné je reverrai tes charmes ;  
Et j'aurai comme lui, quand viendra le réveil,  
Mes pauvres yeux trempés de mes plus chaudes larmes !

## LA JALOUSIE

Je l'ai bu tout brûlant ton infernal poison.  
De mon cœur corrompu, de mon âme ulcérée,  
La haine monte encore en funèbre marée,  
Étouffant mon amour et noyant ma raison !

Je ne reverrai plus dans mon sombre horizon  
L'aurore d'un baiser de sa bouche adorée.  
Rien, pas même un sommeil sur le tendre gazon  
Ne peut porter le calme à ma tête égarée.

Brûlez, Satan, ma chair dans votre immonde flamme,  
Tuez mon pauvre corps, tuez aussi mon âme,  
Mais prenez ce venin qui me poursuit partout !

Laissez, Dieu, s'il le faut que la terre succombe !  
Mais je vois au delà mon mal survivre à tout,  
Et je ne crois pas même à la paix de la tombe !



## O BEIJA-FLOR

A Pablo Minelli.

Alado gêmeo da doirada Aurora !  
Filho do azul e da divina luz !  
O pó dos astros, como um halo, móra  
No regio manto que te deu Jesus !

Se o Sol passeia pelos céos á fóra,  
Beijando estrellas que aos milhões seduz,  
Pelos jardins que a primavera enflora,  
Qual flôr resiste aos seraphins azues ?

De beijos vives, ideal amante ;  
Por beijos morres, que te matam ciumes  
Das *outras flores* que não têm perfumes.

Te é a morte, como teu viver, brilhante :  
Do berço teu o proprio rei tem zêlos,  
São tua tumba virginaes cabellos !

## A TRIPLICE DA PAZ

A Williman, a Roca, a Rio Branco.

Outrora, só com sangue escrevia-se historia ;  
Quem queria ser grande havia que ser fórte,  
O laurel só brotava onde pisava a morte,  
E a espada é quem cortava as palmas da victoria.

Dos homens, das nações, hoje dictam a sorte  
O trabalho e a razão. Que linda trajectoria !  
Toda a Terra tem dono e quem buscar a gloria  
Algo tem que inventar que a idea e os ares córte.

Tres amigas nações encontraram-se outrora  
Com o sabre na mão abatendo tyranos ;  
De mais bella cruzada ha despontado a aurora :

Generaes da razão ! Firmai a nova alliança :  
Iris sejam da paz dos sul-americanos  
Os pavilhões azul e branco, e ouro e esperanza !

Montevideo, 12 de Março de 1907.

## POETA NAUFRAGO

Ao dr Eduardo Ramos.

Como no oceano immenso uma gentil creança  
Entregue ao turbilhão das indomaveis aguas,  
Seu espirito, em vão, a fluctuar se cança  
Sobre as ondas do mar das suas fundas magoas.

Olha em redor de si té onde a vista alcança  
Do batel da illusão se segurando ás taboas  
E chora ao contemplar as ondas da esperança  
Que se fazem espuma ao encontrar as fragoas !

Aos seos doridos ais, aos seus tristes lamentos,  
Mais doces do que os sons d'um orgão encantado,  
Só dá ouvido a dôr, só respondem os ventos !

E quando elle quedar-se inerte, enregelado,  
Nem mesmo humilde cruz lembrará por momentos  
Aquelle que morreu por muito haver sonhado !

Berna, 1900.

## ESTRELLA CAHIDA (1)

Assim se vão as rutilas estrellas,  
Sem que definhem, sem qu'empallideçam ;  
No manto azul o céo vem recolhel-as  
Antes que o tempo e a dor as envelheçam.

Purpura e luz lá na mansão celeste  
São a mortalha das cahidas bellas ;  
Mas cá na terra quando baixam ellas  
De sangue e beijos é que o mundo as veste !

Vi-te com vida esculptural Senhóra,  
Mas aos meos olhos eu já fé não dava,  
Que olhar me parecia a propria Aurora !

E agora ao ver-te, ensanguentada e fria,  
Não sei si eras estatua que sangrava,  
Si deusa que com a purpura dormia !

Montevideo, Dezembro de 1904.

(1) A uma belleza Urugaya assassinada por seo esposo, emquanto dormia.

## BODAS DE AMOR

A Thomaz\_Lopes.

O bordado uniforme em grande gala  
Sobre o peito do moço reluzia ;  
Mais do que elle só brilha, ali na sala,  
Da bella noiva a rica pedraria.

Nisso o poeta a sua musa fala  
De outro hymeneo que no jardim se via :  
Leve, cantando, no ar azul se embala  
O lindo par que a primavera unia...

E os dois esposos como dois amantes,  
Abandonando as sedas e os brilhantes  
Emigram dos salões para os rosaes.

Os niveos pés em biblicas sandalias,  
As nuas mãos com rosas e com dahlias  
Então voando vão como os pardaes !

Montevideo, 1905.

## A UM ANNIVERSARIO

Foi mais brilhante nesse dia a aurora !  
A Terra, abrindo o seo maior thezouro,  
Retribuira o sideral namoro  
Com teu sublime olhar, gentil Senhora !

Jorravam luz pelo universo á fóra,  
No ceo o sol com sua coma de ouro ;  
E cá na terra, onde o mortal demora,  
O resplendor do teu cabello louro !

De helenos mythos revivendo a historia  
Galgastes junctos o apogéo da gloria :  
O sol subia germinando flores ;

E tu crescias, como a deusa antiga,  
Como uma fada bemfaseja e amiga,  
Nos corações desabrochando amores !

Rio, 1904.

## UM CONCURSO DE ALVURA

Um olympico pleito parecia.  
No immenso tribunal, por magistrados,  
Vião-se altivos montes perfilados ;  
Hieratica a lua presidia.

O arminho, a neve, a petala macia  
D'um lis são com rigor eliminados ;  
Só restam dois rivaes encarniçados :  
A areia e a espuma da immortal bahia !

Curiosa, soerguida a fina saia,  
Correste então á immaculada praia  
Dos alvos pés deixando vêr a tez ;

E os dois rivaes se foram desertando ;  
A branca areia se encolheu chorando,  
E a espuma suspirando se desfez !

Praia do Leme, 1904.

## RADIANTE ESPHINGE

Reclínada, ao luar, sobre a prateada areia,  
Olhos fitos no mar, surgiu-me essa visão !  
Como aos que quer perder soe fazel-o a sereia,  
Pelo amor que instillou-me arrancou-me a razão.

Gloria, Patria, familia, abri de tudo mão,  
Que o beijo da mulher, por quem um peito anceia,  
Vale mais que laureis, vale mais que a ambição !  
Mas quando, em phrenesi, na bocca sã beije-a,

Não senti palpitar uma alma irman da minha,  
O mais ligeiro arfar o seo collo, não tinha,  
Os seos olhos eu vi... eternamente azues !

Não era uma mulher, era a esphinge sublime,  
Que não nos faz heroes, mas nos conduz ao crime,  
Seu corpo era de jade e a cabeça de luz !

Rio, 10 de Agosto de 1904.



## O HOMEM

A Pedro Teixeira Soares.

Eil-o que passa o olympico proscripto,  
Jogado á terra por atroz vingança ;  
Sempre nos astros seo olhar tem fito,  
Sempre tem n'alma a síderal lembrança !

Expulso iniquamente do infinito,  
Reduzido á impotencia da creança,  
Cresce, se arroja aos cumes de granito,  
E aos céos e aos deuses seo protesto lança.

Pergunta que delicto commetteu,  
Si amor é falta, si saber è crime,  
Pra que o torturem mais que a Prometeo !

E, si jamais se volta á immensidade,  
Porque, porque dessa mansão sublime,  
Pungil-o sempre com cruel saudade ! ?

Montevideo, Maio de 1905.

## A MORTE

Ao dr. Carlos Oneto y Viana.

Divindade gentil da grande sombra !  
Viuva da luz, trágica deidade,  
Que ségas incansavel esta alfombra  
Damninha, que se chamma humanidade !

Eu te saudo ! E em nome desta terra,  
Que a nossa humana e estúpida maldade  
Rasga e maltrata mais que a tempestade,  
T'imploro que redobres tua guerra !

Fere tudo o que mata, o urso e o condor,  
A pomba que persegue a borboleta  
E a borboleta que persegue a flôr !

O homem destroe, e suicida-te após,  
Que terás attingido a tua meta :  
A Terra não invejará aos Soes !

Montevideo, abril de 1905.

## A PRIMAVERA

A Manoel J. de O. Rocha

Veste se a Terra inteira de esperança ;  
De seos labios gentis — as meigas flores —  
Evolam-se balsamicos olores  
Ao louro esposo que no azul avança.

Brilha um iris por lucida alliança ;  
E a terra, lendo a musica das côres,  
Ensina o beijo — o canto dos amores —  
Á fera, á virgem pura, á rola mansa !

Passa nadando em luz a brisa em festa ;  
Cantão em côro os vates da floresta ;  
E o Sol, em honra á venturosa data,

Liberta as innocentes prisioneiras,  
Solta as aguas das alvas cachoeiras,  
Fundindo os nós dos seos grilhões de prata !

Ouchy, 1901.

## RUINAS D'ALMA

A J. M. Cardoso de Oliveira.

Luar das almas, luz da poesia,  
Clareia o trilho que eu tremendo sigo !  
E tu penna leal, funereo guia,  
Envolve-te em teu luto e vem commigo.

Só ha phantasmas nesta moradia ;  
Aqui repousa a sombra d'um amigo ;  
Ali á beira de gentil jazigo  
Uma branca illusão dolente pia !

Como é triste, meu Deus, esta excursão !  
Quanta cruz, quanta dôr, quanto caixão  
De seres mortos antes de nascer !

Nem um signal de vida, nem a hera  
— O emblema que a saudade faz crescer  
Mostrando que houve outrora primavera !

Berna, 1900.

## FELICIDADE TARDIA

A um orphão.

Toca o seo termo a mesta romaria,  
Longa demais quando se a faz sósinho ;  
E, só, me poz no berço o fado azinho,  
Pois minha mãe custou-me a luz do dia !

Nem um amigo achei pelo caminho,  
Seguindo a mesma estrada que eu seguia ;  
Só mitigava a sêde de carinho  
Na miragem falaz da fantasia !

Hoje, ao partir para o almejado porto,  
Vem dôce lagrima, chorando o morto,  
Fazer brotar emfim uma saudade !

E de toda uma vida um só minuto,  
Eu sinto que por toda a eternidade  
Deixará na minh' alma eterno luto !

## A MELANCOLIA

*A Domicio da Gama*

Meiga compostura dos astros  
Doce serenidade dos deuses  
Delicada sobrançeria dos homens.

Corre o vinho, recendem bellas flores ;  
Hymnos soam cantando a minha gloria ;  
Eu me lembro porem que além ha dôres,  
E o riso nego á face merencoria.....

Ferem-me o coração crueis horrores,  
O triumphante mal canta victoria !  
Mas o pranto contem minha memoria  
Relendo as paginas dos meos amores !

Com porte de astro, impavido e sereno,  
Como passou outrora o Nazareno  
Do quente berço á gelida agonia,

Sem convulsões de dôr, nem de alegria,  
Graças a ti percorro o chão terreno,  
Oh ! casta e sideral melancolia !

Roma, Agosto de 1902.

## UM FORTE QUE SE CALA

*Port-Arthur*

A Magalhães de Azeredo.

Nos pincaros sombrios de granito,  
Entre as nuvens do céu e da metralha,  
Parece alar-se, quando os olhos fito,  
Suspenso no ar o campo de batalha!

Á luz vermelha, que a explosão espalha,  
Sobem titans as faldas do infinito;  
E lá no tópe, extraordinario mytho,  
Defende um cyclope infernal muralha!

Jamais o patrio amor fez taes assombros;  
Cabeças ha que, amedrontando o mundo,  
Vivas vão dando, fóra já dos hombros!

..... Calou-se o derradeiro moribundo:  
Immenso corvo negro entre os escombros,  
Boceja estúpido o canhão immundo!

Montevideo, 1905.

## HYMNO

Para a Armada Nacional  
*Ao Com<sup>te</sup> A. de Souza e Silva.*

## I

Caro emblema da Terra Fagueira,  
Auri-verde trophéu do palmar,  
Aza audaz da esperança altaneira  
Que as caricias do sol vêm doirar !

## II

Eia vamos vingar tuas maguas !  
Eia vamos nas ondas vogar !  
Que é bem doce nas cérulas aguas  
Um pedaço da Patria embalar !

## III

Dá-nos, dá-nos, oh ! terra querida,  
Teu pendão sacrosanto a guardar ;  
Com valor, com amor, com a vida,  
Nós juramos fazel-o acclamar !



## IV

Nestas naves, guerreiras tão brancas,  
Que parecem gaivotas no mar,  
Poisam almas tão nobres, tão francas,  
Que só sabem na gloria voar !

## V

Abre, pois, tuas azas bandeira !  
Vem mostrar-nos quem quiz te insultar ;  
P'ra lavar essa afronta estrangeira,  
Nosso sangue já quer transbordar !

## VI

De Barroso o signal legendario  
Jamais ha-de a marinha olvidar ;  
Contra o raio e o aggressor temerario  
Nós sabemos sorrindo lutar !

## VII

E se um dia infeliz esse marco  
Que nos guia do céu se apagar,  
Como o sol saberá cada barco  
No suicidio da luz se afundar !

## VIII

Mas não temas, que imagem tão cara  
Ha de sempre em teu seio brilhar :  
Volverá teu fanal, Gnanabara,  
Como volta o *Cruzeiro* do mar !

## IX

Dá-nos, dá-nos, Brazil, tuas glorias  
Teu pendão auri-verde a guardar,  
Que da frota, creada em victorias,  
Cada náu é da Patria um altar !

## ENTREVISTAS NO AZUL

Tudo na terra os separar queria;  
Um mar que ruga em perennal procella,  
Entre a masmorra d'elle e o claustro d'ella,  
Afóga os beijos que um ao outro envia.

Mas quem merece amor no amor confia;  
E cada noite de claustral janella  
E da setteira de uma escura cella  
Um par de corações ao ceo subia.

Longe dos homens e do chão immundo,  
Felizes se buscavam sem errar,  
Lá nos campos sem fim do azul profundo :

Ella, escalando as fitas do luar;  
Elle, contente de deixar o mundo,  
Seguindo o rastro azul do seu olhar !

Rio de Janeiro, 1908.

## AO CHILE

Salve, paiz magestoso !  
Onde um povo valeroso,  
Entre a serra e um mar undoso,  
Doma as aguas e os trovões !  
Salve altiva Cordilheira,  
Tumba augusta de Carrera,  
Berço da raça guerreira,  
Que nasceu entre volcões !

Salve, cidades de flores,  
Salve, ninhos de condores,  
Onde ora arrulham amores,  
Ora se ouve trovejar :  
Que no peito dos valentes,  
Ou rugem odios ardentes,  
Ou sdam os tons plangentes  
Do amor que canta ao luar !

Salve terra das Chilenas,  
Lindas princezas serenas,  
Que andando pisam apenas,

Calçadas de corações !  
Mulheres que têm o encanto,  
Por sob a noite do manto,  
De um luminoso recanto  
Das bellas constellações !

Salve, Rainha dos Andes,  
Que, com a Estrella dos Grandes,  
Mil claridades expandes,  
No céo, na terra, no mar !  
Deixando por trajectoria,  
Entre victoria e victoria,  
No mar — um throno de gloria  
Nos Andes — um branco altar !

Santiago, Setembro de 1909.

## OUTONO

A Alcindo Gnanabara.

E' frouxa a luz e surdo o movimento ;  
Recorda a terra um triste lar de enfermo ;  
Calam-se as aves no insondavel ermo ;  
Apenas chora o mar e geme o vento.

Saudades da andorinha — as plumas leves —  
Voando vêm nos oscular a frente ;  
E pousam castas no alteroso monte  
Ao cans augustas das primeiras neves.

Buscando o chão, em lenta queda alada,  
Desfeitos ninhos, desmaiadas palmas,  
Baixam sem fim de sua azul morada.

E no imo espelho das sensiveis almas  
Passam cahindo, de regresso ao nada,  
As sombras vans das illusões já calmas...

## VERÃO

A Euclýdes da Cunha.

E' a revista nupcial do Sol á Terra !  
Soa o clarim da tropical cigarra,  
Ruge o jaguar na selva e o touro berra !  
E' um hymno ao Sol por immortal fanfarra !

No dorso quente da alterosa serra  
Sangue se faz a seiva azul da parra ;  
E o amor carnal, que pelos ares erra,  
Põe fogo ás faces que o camponio agarra.

Triumphá a luz da timidez do pejo ;  
Tudo se embebe d'essa seiva etherea,  
Que á flor traz fructo e traz ao labio o beijo !

E quando *El-Rei*, seu rubro manto ao hombro,  
Transpõe a alcova d'essa boda aerea,  
A Terra em chammas nos produz assombro !

Montevideo, 1908.

## A LENDA DA PONTE

A Noemi

Em certo castello havia  
Uma ponte mysteriosa,  
Que uma legenda dizia  
Ter algo de milagrosa.

Em um sitio encantador,  
Por sobre um lago se a via,  
Ora levando ao amor,  
Ora levando á agonia.

Era o lago da vaidade  
E a ponte da fantasia ;  
D'um lado estava a saudade,  
No outro a esperanza vivia.

Cavalleiros, passarinhos,  
A nuvem que no ar corria,  
Plantas nuas, velhos ninhos,  
Tudo o lago reflectia ;



Mas, espelho lisongeiro,  
Mais bello tudo fazia ;  
Alegre punha o salgueiro,  
Moço o velho parecia.

Segundo a lenda dizia,  
Quem essa ponte passasse  
E na agua não se mirasse,  
Da vida um sonho faria.

Mas ao que não resistisse  
A voz da coquetteria,  
Com prematura velhice  
A fada má puniria.

Era grande a tentação  
E ninguem lhe resistia ;  
Mas contam que um coração  
O encanto venceu-lhe um dia.

Formosa moça que o luto  
Dos pais queridos vestia,  
Olhando o espelho impolluto,  
Onde tudo era alegria,

Do parapeito da ponte  
Cantou com triste harmonia :  
— Melhor fôra que esta fonte  
Jorasse melancolia ;

Então, sim, na lympha calma  
Eu com gosto mirar-me-ia,  
Pois quem tem a morte n'alma  
Só procura a côr sombria. —

E sem olhar sua imagem  
Que mais e mais reluzia,  
Tentando-a em sua passagem,  
Concluiu a travessia.

Era a primeira pessoa  
Que á tentação resistia ;  
E do lago a fada bôa  
A bella moça premia :

Passada que foi a ponte,  
Seo véo de crêpe cahía,  
E emmoldurando-lhe a fronte  
Um véo de noiva se via !

O lago azul da vaidade,  
Por fundo tem a ironia,  
Achar fel por vezes ha-de  
Quem nelle busque ambrosia,  
Só quem vogar na saudade  
Aportará n'alegria !

Montevideo, setembro de 1906.

## ALMIRANTE BARROSO (1)

Á Armada Brasileira.

Almirante, oh ! Almirante !  
Nós vimos te despertar,  
Tua esquadra fumegante  
Te chama de novo ao mar !

Estão aqui Brasileiros  
Que não sabem olvidar ;  
Teus heroicos marinheiros  
Vem outra vez commandar !

Interrompe por momentos  
A tua sesta na historia,  
Desfralda de novo aos ventos  
A flammula da victoria !

Á terra que tanto honraste  
Estes bravos navegantes  
Te levarão triunfantes,  
Como ao combate os levaste !

(1) Poesia publicada por ocasião da repatriação dos restos do almirante Barroso.

P'ra tua ultima viagem,  
Manda a Patria carinhosa  
Náo do teu nome zelosa,  
Com galharda marinhagem !

É a mocidade que passa  
Com a legenda a sorrir  
— A tua fama sem jaça  
Para exemplo do porvir !

Vem no Brazil renascer,  
Que existe ressurreição  
Para quem soube viver  
A vida dando á Nação !

De cada peito dos nossos  
Tu terás mil pulsações ;  
E para vestir teus ossos  
O bronze dos teus canhões !

Nesta terra em que dormiste,  
Neste paiz em que amaste,  
Fica uma familia triste  
E um pavilhão a meia haste !

Chora a familia o jazigo,  
Chora este povo guerreiro  
O valente companheiro  
Com quem bateu o inimigo !

Dá-lhes, pois, uma lembrança  
No momento de partir ;  
Repete o que jamais cança  
De proclamar e de ouvir :

Que os pavilhões que se uniram  
Ganhando a mesma victoria  
Juntos pra sempre partiram,  
Pelas estradas da Historia !

Aos teus deixa uma saudade,  
Conta-lhes que ha na memoria  
Dois sitios da eternidade :  
Um do amor, outro da gloria !

E parte, grande Barroso !  
Céos azues, aguas de anil  
Te conduzam magestoso  
Ao magestoso Brazil !

Quando as naves orgulhosas,  
Como aureo cortejo real,  
Com as reliquias preciosas,  
Entrarem á barra ideal ;

Nas aguas de Guanabara  
Se arvore o mesmo signal.  
Que o teu navio arvorara  
Para o combate immortal :

A Patria espera de novo  
Cada um cumpra o seu dever :  
— Exercito, Armada, Povo  
Vinde o almo heroe receber !

Montevideo, 1908.

## ANGEL FALCO

Herdaste a lira dos helenos bardos,  
Ha mel do Hymeto em teus lascivos cantos ;  
D'elles se evola o fino olor dos nardos,  
Com que incensaste feminis encantos.

Mas outros ha, que mais parecem dardos  
Que alvejam d'alma os mais subtis recantos ;  
N'alguns és justo, réos lançando aos cardos  
N'outros és máo, porque te ris de prantos !

Ruge em tua alma a mais atroz tormenta,  
Cabeça e coração, lutando á mórte,  
Cumprem o lemma que o teu nome ostenta.

E ninguem sabe do combate a sórte :  
*Angel* trará talvez o céu á Terra,  
Talvez que *Falco* leve aos céos a guerra !

Montevideo, 1908.

## A MORTE DA AGUIA

A Rio-Branco e a Pedro Americo.

Era o seu despertar co' o despertar do sol ;  
O primeiro fulgor do longinquo arrebol,  
Que illuminava os céus e as montanhas d'além,  
O seu potente olhar acendia tambem.  
E os dois soberbos reis — o sol lá do infinito,  
E a aguia do alcantil, seu throno de granito,  
Ella com seu olhar, elle com seu clarão,  
Revistavam o mundo, os céus, a criação !  
Nesse dia, porem, já bem alto ia o sol  
Quando ella déspertou. Como um tenue lençol  
Empanava-lhe um tanto o seu vasto horizonte;  
Apenas o perfil do mais visinho monte  
Os seus olhos de Lynce alcançar conseguiam.  
Ipês, jequitibás, anões lhe pareciam.  
Ella comprehendeu que era o aviso da morte ;  
Podia como um reo aguardar sua sorte ;  
Talvez um anno mais s'espadanar nos ares,  
Zombar do furacões e pousar nos palmares ;

Vale ainda seu bico a queixada d'um leão,  
 E ostenta seu covil carniças pelo chão;  
 Mas ella quiz em vez que o mundo inteiro visse  
 Que os genios e os heroes não morrem de velhice!  
 Planeja o seu orgulho um prelio sem igual,  
 Onde caia com gloria, ou se torne immortal.  
 Batendo com vigor suas azas possantes,  
 Sua garra crispada, os olhos scintillantes,  
 Lá vai buscar audaz pelos vastos espaços  
 A luta co' o Titan dos invisiveis braços.  
 Seu desejo é subir, escalar a atmosphaera,  
 Ir a morte enfrentar lá mesmo onde ella impera!  
 Guarda emtanto seu vôo a costumada calma,  
 Nem lhe treme a cerviz quando as azas espalma.  
 Uma paz semelhante á etherea calmaria  
 Deixava-lhe voar o corpo e a fantasia.

\*  
\*

N'um momento, porém, na impolluta mansão  
 Contra o estrangeiro audaz tramam conspiração.  
 Do crystallino céu surgem nimbus e cirrus,  
 Phantasmas infernaes de colossaes esbirros.  
 Boreas monta o corcel mais veloz d'amplidão;  
 Vulcano forja o raio e commanda o trovão,  
 E temendo o mortal que tão alto apparece,  
 Para melhor feril-o o horizonte escurece !  
 Na trêda escuridão todos os genios máus  
 Vêm de novo lutar como outrora no cahos.  
 Não vira o Colisêo combate tão feroz,  
 Nunca assim se bateu nem o proprio albatroz.  
 É mais do que David enfrentando Golias,  
 Mais que um gladiador junto ás fêras bravias :



Era um simples mortal que afrontava immortaes,  
 Da terra nos confins, do Olympo nos umbraes!  
 Quem será a primeira a accometter? é ella,  
 Que sem hesitação mergulha na procella!  
 Em novellos de fumo o seu corpo s'enrola,  
 Um vampiro horroroso a seu peito se cola:  
 É um corpo a corpo atroz, mas seus musculos de  
 Conseguem arrancal-a ao fatidico abraço. [aço  
 Do seu bico o punhal faz das nuvens farrapos,  
 Que as azas a ringir dispersam como trapos.  
 Quando a toca o fuzil, prende-o na sua garra;  
 E responde ao trovão com gritos de fanfarra!

\* \*

O combate durou o que dura um tufão!  
 O tempo de vencer ou morrer como um leão.  
 Como em leal duello, a aguia e a immensidade  
 Se abração sem rancor após a tempestade.  
 Já cálmio, o vencedor recomeça a voar,  
 E a dôce viracão se põe a dispersar  
 Os vestigios da luta — as desprendidas plumas  
 E da nuvem vencida as ligeiras espumas.  
 Como unicos trophéos dessa pugna sem par,  
 Ella apenas carrega as lagrimas do ar.  
 E por penhor de paz o seu manto orvalhado  
 Traça pela amplidão o iris immaculado!

\* \*

E proseguindo vai sua ultima illusão:  
 A da morte enfrentar na celeste mansão.  
 Não pensa em repousar, nem um minuto plaina,  
 Para alento cobrar da fatigante faina.

Mas sobe, sobe sempre; é seu unico anhelô  
Fugir o terreo chão, galgar o eterno bello.  
Pastem ovêlhas mil, nem se digna de vél-as ;  
São lhe presas agora os astros, as estrellas !  
Repugna-lhe esse mundo, onde ha goivos e cravos,  
E subditos e reis, e senhores e escravos.  
Lá no sublime azul ou se vive com gloria,  
Ou se morre traçando uma aurea trajectory,  
Como aquella que deixa o louco aerolito,  
Quando inflammado cahe expulso do infinito !  
E lá que ella quer ir, viver com os heroes,  
Ou as azas queimar no halito dos sóes !

\*

E sobe, e sobe até a aerea superficie ;  
Até os seus confins co 'a sideral planicie.  
Altaneiro Typhêo no mundo tem as plantas  
E co 'o pennacho roça as esplanadas santas !  
Um passo apenas mais e era do mundo fóra,  
A embalar-se afinal no berço azul d'aurora.  
Mas, quem sempre zombou da leis da gravidade,  
Tem que enfrentar agora as leis da immensidade.  
Entre o ether e o ar o seu corpo resvala,  
Traçando o arco que faz na couraça uma bala ;  
Como o albatroz ferido espanca os verdes mares,  
Que culpados não são que o não ergão os ares ;  
Ella fustiga irada a innocente atmosphaera,  
Porque se oppõe o vacuo á sua audaz chimera !  
Redobram de furor suas posantes azas,  
Levantando no azul a poeira das brazas ;  
Do bico esguicham já fumegantes espumas,  
Encarnado suôr banhando vai-lhe as plumas

E em pouco o negro manto avermelhado faz,  
Vestindo-a como um rei de purpuras reaes !

Cá da terra parece aureo filho de Apollo,  
Que carregam, voando, os cavallos de Eólo.

O prisioneiro heroico a porta da prisão  
Primeiro tenta abrir com a possante mão ;  
Mas se ella resistir, recua, e, com assombro,  
Investe-a como um touro, abrindo-a com seu hom-  
Captivo semi-deus, que nos ares fluctua, [bro!  
Tambem essa aguia audaz parece que recua ;  
Desce, calma, serena, as azas pandas, tezas,  
Como outrora descia a pousar nas devezas.  
De repente, porém, parte como uma bala,  
Seu esqueleto de aço os encontros estala ;  
Ás garras e ao seu dorso o seu bico alinhado  
Corta o ar, mais veloz que um corcel disparado.  
N'um instante refaz o caminho perdido,  
Chega ao supremo umbral do solar prohibido,  
Atira á terra e aos céus seu triunphante grito  
E morre..... mas abrindo as portas do infinito !

Roma, 14 de Janeiro de 1903.

## CREDO !

E não era um engano a lustral prophécia !  
Como a flôr que presente o aureo beijo da luz :  
Como a terra a remir esperava Jesus,  
Ainda eu te não vira e já bem te queria !

E que longa que foi minha audaz romaria,  
Pelas terras do amor, á immortal Santa Cruz,  
Ao Sena, ao Tibre augusto, ás bahias azues,  
Procurando o ideal que o poeta entrevia ;

Procurando a Mulher que, por longos cabellos,  
Tivesse a propria noute enrolada em novellos ;  
Que na carne do jambo a mão talhada e o pé

Seiva e sangue a correr nos mostrassem nas veias.  
E trouxeram-te a mim as vencidas sereias ;  
E no bello então cri, e no amor tive fé !

Montevideo, 1906.

## MULHER!

Rainha, deusa, sol, gritão dementes,  
Pagens, artistas, reis embriagados  
Pelos cabellos teus avelludados,  
Por tuas carnes sãs de amor frementes !

Mas é o imperio teu sobre os viventes  
Maior que 'o desses numes evocados :  
Não ha polos na terra enregelados,  
Si luz lhes dão tuas pupillas quentes !

E deusa, e sol, então porque chamar-te ;  
Si és mais do que ambos para o mundo e a arte ;  
Si mais do que a elles o mortal te quer ? !

Quem de volupia tem os labios humidos,  
E offegantes de amor os seios tumidos,  
E' mais que deusa, chama-se — Mulher !

Montevideo, 1906.

## REMEDIO D'ALMA

Nada applicava o meo atroz martirio:  
Nada trazia a desejada calma,  
Á minha pobre e inconsolavel alma,  
Que lamentava o seo perdido empireo.

Não mais caricias do mimoso lirio,  
Do meigo archanjo que a sorrir chegara;  
E que ao partir minha razão levava,  
Deixando n'alma só cruel delirio!

Bebi, joguei, fiz ao altar pedidos;  
Beijos comprei para apagar gemidos;  
Feri meo corpo... e sempre o amor pungia!

Nisso a fragrancia de uma prenda tua,  
Lembrança exúl de tua carne nua,  
A dôr em gozo transformar fazia!

Montevideo, 1906.

## A MINHA MUSA

Não quizera fallar-te de amargores,  
Minha leal e bôa confidente ;  
Mas quem ha de curar as fundas dôres  
De um coração ferido acerbamente ?

Lembras-te que eu vivia alegremente,  
Rimando-*lhe* odes, *lhe* mandando flores ?  
Em troca de taes dons e taes amores,  
Pezar e dôr ella me deo somente !

Mas amo-a ainda e sempre hei de querel-a,  
Pois, como os astros, a mulher formosa  
Muito nos dá, só com deixar-nos vel-a.

Eis como em vez de procurar-*lhe* prantos,  
Retribuindo a sua acção maldosa,  
Pelas dôres que deu-me eu *lhe* dou cantos !

Montevideo, 1906.

## SUPREMO SACRIFICIO

As brisas eram ondas de fragrancia :  
Vinham lições de amor de cada ninho ;  
As heras nos fallavam de constancia ;  
Que belleza que era hontem meu caminho !

Infelizmente em mundo tão mesquinho.  
Entré o prazer e a mais terrivel ancia,  
Existe apenas a subtil distancia  
Que vai da doce rosa ao duro espinho.

Hoje me dizes que este amor é um crime,  
Que buscar ver-te é procurar matar-te,  
Que culpas taes a morte, só, redime !

Alma leal para outros céos não corras,  
Pois, quem a vida só quizera dar-te,  
Sabe morrer para que tu não morras !

Montevideo.



## LE CHÂRME

A Coelho Netto.

Après avoir créé les choses les plus belles,  
Le petit grain de sable et les rocs de granit,  
Les flammes des volcans, les neiges éternelles,  
Les abîmes des mers et la douceur du nid,

Dieu voulut composer — synthèse universelle —  
Un seul être divin, où tout fut réuni,  
Pour que de l'homme, alors, la petite prunelle  
Pût contempler de près le monde et l'infini.

C'est ainsi que fondant du sang et de la sève,  
Il anima le marbre aux rayons du soleil,  
Et fleur, colombe, étoile, il fit les courbes d'Ève;

Et pour se surpasser, en composant la femme,  
Il inventa le charme, effluve sans pareil,  
Auréole du corps, subtil parfum de l'âme !

Santiago, 1909.

## TOUJOURS BEAU

A Son Excellence M. Paul Desprez.

Elle monte, elle monte, elle gronde, la Seine ;  
Elle pousse des cris, et Paris des sanglots.  
On dirait qu'elle veut l'écraser de sa haine ;  
On dirait qu'elle veut l'étouffer dans ses flots.

Les parcs, les boulevards ne sont que des canaux ;  
La vague ronge Auteuil, gifle la Madeleine ;  
Comme un soleil qui meurt, seul, on voit sur la plaine  
De l'empereur des rois le colossal tombeau !

Depuis qu'un jour Néron, criminel de génie,  
Dans Rome la superbe alluma l'incendie,  
On n'avait plus revu de si tristes splendeurs.

C'est un naufrage immense en un décor sublime :  
C'est Dieu même qui montre, orgueilleux de son crime,  
La prunelle du monde immergeant dans ses pleurs !

Vina del Mar.

Janvier, 1910.

## SAUDADES

Quando, em busca da luz do extinto dia.  
Contempla a terra o escuro céu distante,  
Accende a noite a sua pedraria,  
Marcando as pégadas do exúl amante.

Assim na ausencia o coração constante  
No fundo d'alma encontra companhia  
— Doce, porque é de outra alma palpitante ;  
Triste, que longe está quem nol-a envia.

Recordações da luz são bem aquellas  
Que brilham n'amplidão azul e calma.  
E estas do céu do amor, talvez mais bellas,

São visões de ternuras e bondades,  
São gottas do infinito dentro d'alma,  
São marcas de caricias — são saudades !

Santiago, 7 de setembro de 1909.

## JOAQUIM NABUCO

A Medeiros e Albuquerque.

No ceo escuro de uma raça escrava,  
Um dia despontou seo bello porte ;  
Na mão vibrava a penna — herculea clava —  
Epica tinha a voz, leão do norte !

Milhares de grilhões seu verbo forte  
Fundindo foi como candente lava.  
E a paz pregando e combatendo a morte,  
Fazia irmãos aos povos que encontrava.

Embalaram seu berço as boas fadas  
Do rio-mar, das selvas encantadas,  
Da serra olympica, e do valle azul.

E não morreu, alou-se um dia ufano,  
Entrelaçando em lemna americano  
As Estrellas do norte e a Cruz do Sul !

Santiago, 1910.

## ‡ ULTIMA SUPPLICA

Tu que a trouxeste a nós nos raios d'uma estrella,  
Que em branda noite veio illuminar um ninho ;  
Tu que o teo manto azul baixaste a protegel-a,  
E com flores e luz marcaste o seo caminho !

Oh ! tratál-a, meu Deus, com todo o teo carinho,  
No dia em que aprouver-te em teo regaço vel-a ;  
Não deixes como a nós que a morte ao recolhê-a  
Seu coração assuste, ou punja em duro espinho.

Quando o tempo marcar seo derradeiro outono,  
Que amorosas canções lhe tragam leve somno ;  
E que sonhando então com beijos immortaes,

Com seo amante a sós se creia de romagem,  
Pelos campos azues da sideral miragem.  
Faze-a sonhar assim, e a não despertes mais !

## LA DERNIÈRE ÉTAPE

Santos Dumont, Blériot.

Jadis, quand il fallut civiliser les terres,  
L'honneur des légions et l'orgueil des Césars  
Ont transporté partout, dans de superbes chars,  
Le Droit étincelant aux feux sanglants des guerres.

Plus tard, quand on a dû, voguant sur des galères,  
Dans l'empire des mers planter des étendards,  
Portugais, Espagnols, alors de simples gars,  
Ont promené la Croix sur les vagues altières.

Latins ! Il reste encore un prix d'intelligence !  
Il faut gravir les cieux et dominer les airs ;  
C'est à vous maintenant, ô mon Brésil, ô France !

Et voilà qu'on entend un bruit magique d'ailes :  
C'est l'homme qui s'envole au-dessus des éclairs,  
D'un éternel printemps ce sont les hirondelles !

Santiago, 1910.

## PARA QUE QUERO A GLORIA

Rios e mares, serras e cidades  
Logrou pôr entre nós cruel destino,  
P'ra que eu não veja o teu olhar divino,  
E que não ouças tu minhas saudades.

Algo ha, porém, que zomba das maldades  
De mundo tão injusto e pequenino ;  
Mas ha tambem um invencivel hymno,  
Que vâa mais que as proprias tempestades.

O que o mundo não quiz que eu te dissesse  
Em momento fugaz e luz sombria,  
Quero cu que de cantar elle não cesse ;

Que aches sempre a teus pés minha memoria,  
E que te amo e te busco, noite e dia,  
Quero que aos homens grite a voz da gloria !

Santiago, Julho de 1910.

## NOTA

Varias d'estas poesias já haviam sido dadas á publicidade, firmadas pelo pseudonymo — Théophilo de Andrade.



## INDICE

---

	Pags.
Echos e sombras	1
Nostalgia	2
A consciencia	3
Setimo céu	4
Injusto mundo .	5
A voz da patria.	6
Delirio?!	7
Uma camponeza	8
Via Appia.	9
N'um album	10
O Colisão.	11
Traducção	12
Traducção	13
Na missa	14
Roma	15
O cysne.	17
Uma jardineira.	18
Paisagem de inverno.	19
A João Propicio de Menna Barreto	20
Hymno ao Anniversario do Brazil .	21
Evangelina e a borboleta ou Uma lição difficil	23

	Pags.
A Madame Dreyfus	27
A morte do cysne.	28
Echos e sombras .	31
Cultos	33
Ao Brazil	37
O oceano Atlantico	38
A guerra	39
Renascimento de Aphrodite .	40
Au bord du Léman	41
Un cotillon infernal.	42
Le départ.	43
La jalousie	44
O beija-flor	45
A triplice da paz .	46
Poeta naufrago .	47
Estrella cahida.	48
Bodas de amor.	49
A um anniversario	50
Um concurso de alvura	51
Radiante Esphinge	52
O homem .	53
A morte	54
A primavera .	55
Ruinas d'alma	56
Felicidade tardia	57
A melancolia.	58
Um forte que se cala.	59
Hymno .	60
Entrevistas no azul	63
Ao Chile	64
Outono.	66
Verão	67
Alenda da ponte	68
Almirante Barroso	71
Angel Falco.	74

**INDICE**

95

	Pags.
A morte da aguia .	75
Credo	80
Mulher !	81
Remedio d'alma	82
A minha musa .	83
Supremo sacrificio	84
Le charme	85
Toujours beau.	86
Saudades .	87
Joaquim Nabuco .	88
Ultima supplica	89
La dernière étape .	90
Para que quero a gloria	91

---



---

2874 — Typ. H. Garnier, Paris (Ar..It).

---













## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital – com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).